

Fábula para um corpo.

A obra de Zilamar Takeda é testemunha da experiência, por meio e em meio à matéria, a busca da fabulação de um corpo como ordem no mundo.

Zilamar Takeda explora diferentes linguagens artísticas – pintura, assemblage, objeto, instalação – na tentativa de fabular um corpo ou partes dele, como testemunha da relação da artista com a natureza e o mundo, e com o próprio corpo.

Há aí uma espécie de mitologia própria, consubstanciada num corpo que pouco a pouco ganha densidade e articulação, na medida que sai do plano da pintura e adentra o espaço tridimensional da instalação. Isto é, na medida que a artista muda sua orientação na produção dos objetos do princípio da imitação e torna-se o objeto ele mesmo uma realidade.

Não se trata, contudo, de estabelecer um sentido evolutivo para sua obra, mas de inferir intenções, a fim de mostrar algum vínculo entre os trabalhos, que apresentam aparente mudança ao longo de seu percurso artístico.

Frente a essa aparente diferença de linguagem e de objeto, a constância faz-se, em primeiro lugar, por sua opção e seu fascínio pela matéria orgânica – pele e pelo de animais ruminantes, extratos e resíduos vegetais, cera de abelha, petróleo (plástico) –, que oferece densidade ao trabalho, que pouco a pouco deixa esse corpo falar.

Em segundo lugar, na atividade artística (e não somente em seus produtos), de onde emergem as possibilidades de significado, pois é no corpo a corpo com a matéria orgânica disponível que se dá a rearticulação dessa matéria em novos objetos.

Pois é a própria atividade que cria significados outros que, acima de tudo, propõem um outro estatuto à atividade artística e à matéria, por meio da qual o próprio corpo da artista adquire dignidade e possibilidade de afeto e de relação em imagens provocativas e humanas.

Esse corpo ou corpos, às vezes disformes e provocativos (*Escrúpulos* ou *Stitched emotion*), às vezes humanos e delicados (*Rupestres II*, *Feltpaper*, *Silêncio*, *Hermanos*), articulam a matéria de modo justo, na tentativa sinestésica de mobilizar os sentidos, produzindo um mundo, uma ordem e modos de sensibilidade.

Tal aproximação parece possível porque no universo criado pela artista fabular significa dar ordem ao mundo da experiência, dar testemunho de sua experiência no mundo, e fabular o corpo é dar lugar e possibilidades de afeto ao corpo no mundo da experiência